

Culturas em Diálogo

**BIBLOS**

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  

---

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra,  
As paixões tristes deprimem a vontade e mutilam a  
inteligência.

A admiração, pelo contrário, eleva a alma, reconforta o  
coração, galvaniza o espírito.

A Universidade, sendo feita de pessoas, não pode escapar à lei  
comum da natureza humana.

Mas as razões de admirar são nela tão visíveis que lhe basta  
parar um instante para logo reencontrar, com alegria, a força necessária ao  
cumprimento da sua missão.

Faço votos para que os instantes de cerimónia e de festa -  
como este em que formalmente vos peço as insígnias doutorais para os  
nossos jovens colegas - sejam também momentos canónicos para o  
trabalho de todos os dias!

## **DOUTORA ANDRÉE CRABBÉE**

(1917-2003)

Em 17 de Março de 2003, a Doutora Andréa Rocha, perante a  
comissão de muitos, deixou definitivamente a calma Praceta Fernando  
Pessoa, em Coimbra, onde durante tantos anos viveu, para ir juntar-se a  
Miguel Torga, seu Marido, no cemiteriozinho trasmontano de S. Martinho  
de Anta, terra natal do Escritor. Que ambos repousem em paz, na lavada  
simplicidade dessa paisagem que tanto amaram.

Jubilada em Dezembro de 1986, como Professora Catedrática,  
depois de ter ensinado Literatura Francesa e Literatura e Cultura  
Portuguesas, durante largos anos, nas Faculdades de Letras de Lisboa e de  
Coimbra, a Doutora Andréa Rocha, belga de origem, tornou-se  
portuguesa pelo coração e pelo espírito, numa metamorfose gradual  
iniciada em Bruxelas, quando preparava, muito jovem, na Universidade  
Livre da cidade, a sua licenciatura em Estudos Românicos: fora  
conquistada pelo magistério sedutor de Vitorino Nemésio, que aí  
ocupava então o leitorado de Português. Ao Mestre-Poeta ficou a dever  
estímulos que a orientaram para o estudo da nossa Literatura; mas foi  
decisivo para a sua fixação em Portugal e a adopção da nacionalidade  
portuguesa o conhecimento do jovem médico Adolfo Rocha, com quem  
se consorciou para toda a vida, afectiva e intelectualmente, no início dos  
difíceis anos 40.

Doutorou-se em Literatura Portuguesa em 1944, na Faculdade de Letras de Lisboa, onde, naquele campo e no da Literatura Francesa, veio a iniciar funções lectivas; mas o húmus fecundante da sua formação “românica” e do seu crescimento intelectual num país que ao longo da história foi sempre uma encruzilhada de línguas e de culturas, marcaram o espírito dinâmico da Doutora Andréa Rocha, não a deixando confinar-se numa especialização estreita: somando ao domínio das línguas românicas o das línguas germânicas, tornou-se uma conhecedora excelente das literaturas e culturas europeias e americanas, abarcando uma vasta “enciclopédia” que soube tornar viva, pois sempre a radicou num olhar interrogante e perspicaz dirigido ao homem através do espaço e do tempo e numa fina apreensão estética da obra artística, saída da ingénua produção popular, ou provinda da elaborada criação culta.

Assim, inteiramente cabe a esta Professora o honroso epíteto de “humanista”. Buscando a informação actualizada e o rigor crítico, mas fugindo da erudição seca ou da manipulação mecanizada dos textos, interessava-lhe sobretudo, na investigação e na docência, dialogar com os que, de outrora aos nossos dias, acicatados por um dado contexto, verteram nas múltiplas linguagens da arte (literatura, pintura, música) a sua experiência, os seus sonhos, os seus encantamentos, as suas revoltas. O lato e “quente” saber assim adquirido acompanhava-se nela, compreensivelmente, de viva curiosidade pelo espectáculo do mundo e de empenho em causas que lhe solicitassem o espírito. Daí os compromissos éticos e cívicos que, no respeito de valores essenciais da dignidade humana, a levaram a assumir, ao longo de uma vida confrontada com graves momentos da história ocidental e da nossa própria história, opções desafiadas que lhe custaram, sob o regime de Salazar, perseguições e sofrimentos; que lhe deram também, quando o horizonte português se abriu, a vontade de cooperar activamente no rejuvenescimento social e cultural do País.

Desta cultura dinâmica e aberta, tornada “vida”, testemunham, para além da sua estimulante docência, os muitos títulos da sua produção bibliográfica, onde avultam os trabalhos consagrados a Garrett (é de 1944, com reedição dez anos depois, a sua dissertação de Doutoramento, *O Teatro de Garrett*), ao *Cancioneiro Geral* (lembre-se o ensaio *Garcia de Resende e o ‘Cancioneiro Geral*, de 1979), à epistolografia portuguesa (recorde-se o trabalho pioneiro *A Epistolografia em Portugal*, de 1965, reeditado em 1985), a Gil Vicente, a Baltasar Dias, a Camões, etc. (em 1986, o volume *Temas de Literatura Portuguesa* reuniu estudos seus que percorrem autores dos séculos XVI a XX). Não pode esquecer-se ainda a

dinamização que procurou imprimir à investigação e ao ensino da Literatura Portuguesa através da contribuição essencial que deu à criação, em 1978, na Faculdade de Letras de Coimbra, de um Centro de Literatura Portuguesa a que se deveu o surgir da revista *Cadernos de Literatura* (25 números, de 1978 a 1986), por ela dirigida; como afirmava a “Ordem de Serviço” - prefácio da Redacção ao seu primeiro número -, era uma publicação de ar novo, que pretendia abrir-se a jovens colaboradores e, “com alegria”, “tornar imediatamente possível um salutar convívio da Universidade com arte viva, autores vivos e perspectivas actualizadas de crítica e de teoria literária”.

Saúde-se, enfim, no perfil da Doutora Andréa Rocha, a prática de uma “sagesse” que aliou o culto da simplicidade e das atitudes autênticas à grande cultura, à disposição estética, ao sentido de responsabilidade intelectual e cívica. Por isso amava a hombridade das gentes do “reino maravilhoso” de Trás-os Montes; e tão bem se sentia, no seu escritório repleto de livros, lendo os autores predilectos, quanto, no seu quintal coimbrão, enxada em punho, ou, Portugal fora, calcorreando caminhos que a levassem ao encontro da fisionomia física e moral do País (que profundo conhecimento, o seu, da realidade portuguesa!). Com esse peculiar modo de ser, por vezes um pouco agreste, mas muitas outras de tão afável cordialidade, era sobretudo nas horas de “ócio” (no prestigioso sentido latino da palavra) - essas deleitosas e profícuas horas em que o espírito pode vagabundear, longe do quotidiano triturante, ao sabor de temas que o seduzem - que a Doutora Andréa Rocha “revelava” a sua riqueza àqueles que com ela conviveram (de quão poucos se poderá dizer o mesmo!). E como era então vivificadora e educadora a sua presença!

Agradecemos, pois, à sua memória as lições de cultura e de vida que nos deu.